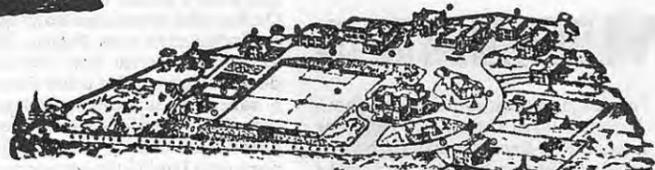




Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XX — N.º 500 — Preço 1\$00
11 DE MAIO DE 1963

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA * FUNDADOR: Padre Américo * VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR-EDITOR: PADRE CARLOS * COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

Aqui Lisboa

CERTO relatório vindo a lume na imprensa diária de Lisboa, sobre a habitação, faz-me de novo voltar ao assunto com certo interesse, para, longe de deslustrar, dar ao quadro as cores autênticas. Não podemos mais usar de atenuantes para expurgar de vez uma ferida quiçá cancerosa: que mancha todos os cartazes e roteiros turísticos apresentados, sobretudo este ano com tanta convicção e entusiasmo.

Passei propositadamente há dias por entre os bem delineados arruamentos da nova zona habitacional de Lisboa. Seria tão utópico querer negar o muito que se está fazendo como aliás tentar manter afastado do domínio público a gravidade de tal situação. Não será desabonado dizer que às vinte e cinco mil quinhentas e vinte e três barracas existentes em Lisboa, podemos juntar outras tantas dos concelhos limítrofes, instaladas quantas vezes a paredes meias. Sem exagero de qualquer espécie, podemos multiplicar tal soma por uma média de 4 habitações. Podemos ainda calcular uma terceira parcela igual de pessoas que habitam espaços exíguos em pátios e casas que a urbanização e o tempo condenaram à morte. Assim «milhares de famílias continuam a viver em condições precárias desvirtuando-se os princípios elementares indispensáveis ao equilíbrio social» diz parafraseando o tal relatório o articulista do «Diário Popular».

Não vamos muito longe procurar as consequências disso. A nossa Casa do Gaiato de Lisboa, é um vazadouro e é essa a sua razão de ser. Tem-se-nos posto como gravíssimo o problema de ter de admitir rapazes com manifesto atraso mental, sem que tenhamos condições essenciais para sua recuperação. Não serão nunca tanto quanto desejamos que fossem. As consequências de terem nascido fora da célula familiar deixam riscos profundos no seu comportamento.

Temos outro índice bem notório na procedência da maior parte dos que habitam as maiores cadeias de Lisboa. Aqui uma consequência dupla que dá força à tese de Pai Américo: «é mais barato prevenir crimes do que suportar criminosos». O mau resultado das condições em que o indivíduo vive obriga ao funcionamento ininterrupto de uma dezena de tribunais em Lisboa e à montagem e manutenção de enormes cadeias onde se processa a sua recuperação ou só o castigo de seus crimes.

Outro índice, os sanatórios. Graças a Deus que os enormes

esforços do nosso Governo têm posto ao alcance de todos os meios necessários à cura. Mas é sintomático saber-se que numa zona de Lisboa o rastreio acusou uma percentagem elevada de atingidos pela tuberculose. Portanto, casas de recuperação de crianças e adoles-

Cont. na pág. DOIS

PATRIMONIO DOS POBRES



Eu tenho diante de mim duas cartas de dois Párcos. O que feliz elas me deixaram! Que belos testemunhos de consciências esclarecidas e de fraternidade!

dade desta palavra divina, que não diz respeito só à proximidade física, mas à identidade espiritual.

Diz um deles: «Cordiais sauda-

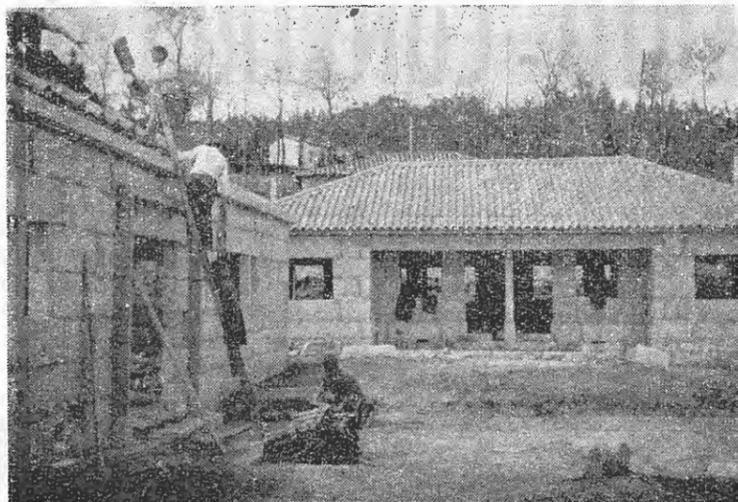
bom Pastor... dá a sua vida pelas ovelhas; conhece-as e elas conhecem-no — por isso é para ele tão espontâneo, tão impossível de ser diferente, esta identificação entre pastor e ovelhas, que ele toma como feitas a si «as gentilezas e os favores».

De uma vez era eu em casa de outro Pároco. Faltava pouco para o Natal. Passeávamos no quintal da residência. Na capoeira um lindo casal de perús. Ele segreda-me: «São para oferecer ao Dr. F. Devo-lhe tantos favores! Ainda há pouco me tratou de um pobre paroquiano em uma doença difícil».

«Me tratou...» O me da solicitude médica podia dizê-lo o pobre paroquiano doente. O me da gratidão pelo benefício recebido, proferia-o com a maior simplicidade aquele pároco consciente da sua qualidade de pastor, de bom pastor.

Voltando ao nosso correspondente, a «oportunidade que ele aproveitou» foi a de mandar o preço do seu «Gaiato» e «uma migalhinha que gostosamente ofereço para os seus Pobres». Quão gostosamente eu a recebi! Não são muito vulgares «migalhinhas» desta qualidade, nem sei quantos serão os párcos que nos batem à porta, «por ouvir dizer» que ela é aberta, não por

Cont. na pág. DOIS



Aqui temos o «Património» de Golães (Fafe).

Lembrei-me do Salmista: «Que belo e feliz viverem juntos os irmãos». E saboreio toda a ver-

ções em Cristo Jesus, com desejos sinceros de que se encontre de saúde e com optimismo para levar a cruz da sua vida.

(...) Aproveito esta oportunidade para, mais uma vez, agradecer as gentilezas e os favores a este pobre pastor».

Ora nós nunca prestámos qualquer favor ou tivemos qualquer gentileza que não fôsse, mediante o Pastor, dirigida a alguma das suas ovelhas. Mas ele é

LAR DO PORTO

Nunca foi em vão que pedimos.

Há tempo falei em um bilhar, em mobílias, num frigorífico...

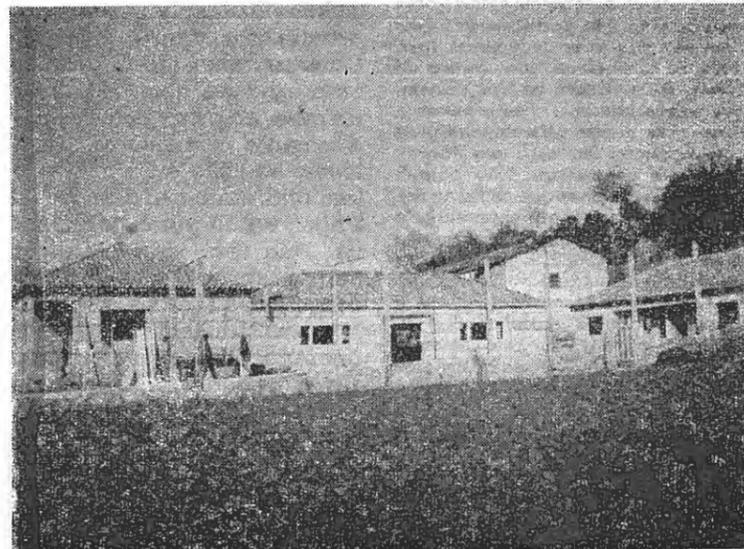
Veio este, embora não sirva. Veio um bilhar novinho, mais um rádio. De outro lado veio uma mobília de escritório, dois roupeiros óptimos e um «terno» — tudo por estrear.

Eu nem pedia tanto! A gente gosta de sentir o calor de quem dá, no uso do que é dado. Mas não podemos deixar de sentir profundamente a delicadeza dos que responderam.

Ora bem. Eu estou agora com a nossa sala. Os tro-lhas e os electricistas andam em volta de mim: «que é tempo de decidir». E eu ando indeciso, porque ainda não tenho o que lá pôr e não sei como resolver os remates.

A casa é antiga. A sala, já se vê que também. Não me apetece modernismos.

Vê lá se no sótão da tua casa tens uns maples e cadeiras e mesinhas, ou escrivaninha, umas gravuras antigas, ou quadros que não pareçam mal, uns tapetes... — e diz. Nós vamos por eles e pomos-los novos, nem que o não sejam.



Que beleza! É em Golães.

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA

Foi debaixo dum sol bastante quente e dum terra difícil de trabalhar que terminou a sementeira da batata. A azáfama maior do ano em nossa casa. Logo pela manhã pequenos, grandes e médios se dirigiram para a terra levando cada qual o utensílio que lhe dirá respeito conforme o trabalho de cada. Só ficaram em casa o cozinheiro que, como é lógico, teve de fazer o almoço, preparar a merenda e o jantar, ele que sózinho prepara diariamente as refeições que cerca de 80 bocas saboreiam 4 vezes ao dia, o da sala de costura que por ser sábado teve de escolher e distribuir a roupa a todos conforme a constituição física de cada um, para que no final do trabalho todos pudessem tomar banho e vestir roupa lavada, como aconteceu aos sábados. Nesse dia algo me levou a uma terra bastante distante de Coimbra. Pela estrada que passei vi ranchos de homens e mulheres que se dirigiam para as terras, olhei para o relógio, eram 9 horas. O meu pensamento voou até Miranda, e disse para quem ia a meu lado: «Os nossos a esta hora andam fartos de trabalhar Estes agora aqui vão de pipó às costas».

POMAR — Foi agora enriquecido com a plantação de algumas laranjeiras que a pegarem bem e a produzirem, teremos do seu fruto para comermos e para vender.

Há tempo, através da vidraça duma janela, vi um, que tinha vindo há pouco, escondido atrás duma parede a comer uma laranja e com outra no bolso que levou o mesmo rumo da primeira. Quando me encontrei com ele indaguei de onde tinham vindo. «Que da laranjeira lá de baixo.» Quis fazer-lhe compreender que fizera mal. Respondeu - me. - «Que mal tem eu comer duas laranjas?» Não tem mal algum, mas repara João que meia dúzia de rapazes se lembravam de fazer o mesmo que tu. Certamente que já lá não estaria nenhuma e os outros teriam passado sem as provar. Agora, que vamos entrar no tempo da fruta, é preciso que cada um pense que não é sozinho em casa e que o que está é de todos e que todos gostam e todos têm necessidade de comer dela.

O Senhor Governador Civil do nosso Distrito, quando da sua visita a nossa casa, ofereceu-nos algumas grades de cerveja, as que o nosso Opel pudesse trazer.

Em nome de todos nós, gaiatos, muito obrigado Senhor Governador.

Gabriel

LAR DO PORTO

A nossa Conferência está muito pobre pois carece de roupas de cama e de vestir. Os nossos Pobres também têm tido poucos donativos. Que a nossa Conferência sem a vossa colaboração não pode existir, mais uma vez vos torno a lembrar que, mais do que nunca, precisamos da vossa ajuda. Como os Srs. sabem, nós temos lutado e continuamos a lutar com muitas dificuldades para conseguirmos dar algo aos Pobres que tanto necessitam. Não podem imaginar a despesa que se faz ao fim de cada mês. Só em mercearia e aluguéis ronda quase sempre a quantia de 4.000\$00. E para que fique conhecido algo acerca deles, eu vou-lhes contar o que é a vivenda de uma delas. A Sr.ª D. Palmira, que vive na rua Cimo de Muro n.º 29, tem 6 filhos todos eles com menos de 7 anos. O homem há

cerca de 4 meses que a deixou ficar. Os Srs. não imaginam com que dificuldades vive esta Pobre. Dormem todos num quarto que não terá mais de 2 metros por 1 e meio de largura, e sabem, por ventura, quanto paga esta Pobre pelo quarto, que mais parece um antro, pois é impróprio para uma família tão numerosa? Não, não devem saber. Mas calculem. Paga a módica quantia de 280\$00!...

Agora apelamos para alguns dos Srs., pois que necessitamos de um emprego que seja leve para um filho de um dos nossos Pobres que tem 14 anos, pois que seria já uma grande ajuda para os seus pais. — **DONATIVOS:** Agradecemos toda a amabilidade das Confeitarias: Costa Moreira, Arcádia, Ateneia, e a do Bolhão que contribuiu com uma caixa de doces que foram para os nossos Pobres. Temos recebido muito prontamente o donativo de uma senhora de Lisboa, 90\$00. Quanto a assinantes temos ultimamente, recebido poucos donativos.

Que Deus vos ajude, para que vós nos possais ajudar também.

Francisco

PAÇO DE SOUSA

CHEGOU finalmente o bom tempo. A nossa Aldeia desde manhã à tarde enche-se dum sol radioso; os

amigos visitantes começam a entrar nos nossos portões em excursões atrás de excursões. Nós somos a porta aberta!

Como pela tarde tem feito grande calor, os mais pequenos já deram umas banhoadas nos tanques novos. Eles gostam muito da água... Cá não há medrosos; é tudo gente valente e audaz! Se um diz não saber nadar, só porque tem medo da água, um dos ouvintes, que não concorda, dá-lhe um empurrão e zaz... ele lá se desenrasca; depois não desiste, já não é preciso empurrá-lo! Assim se fazem os nadadores cá da Casa.

TRABALHO — A TIPOGRAFIA, graças a Deus, tem tido bons clientes. Mas, agora, com a Heidelberg, era bom que os trabalhos chovessem a molhos. Fazemos daqui uma chamada geral a todos os nossos Amigos. E tantos que eles são! Mandem serviço por favor; nós executamos todos os trabalhos tipográficos com a maior das categorias. Não esqueçam. Agora, despachamos melhor e com mais rapidez!

CARPINTARIA — Esta oficina é fornecedora, quase total, de madeiras indispensáveis para as obras do Lar do Porto. Amigos leitores, a carpintaria também executa trabalhos, e com grande perfeição, para os nossos clientes.

CAMPO — Estamos na época da sementeira da batata. Sr. Padre Manuel António, que é o administrador

das lavouras cá do sítio, anda muito atarefado, pois ele quer que os nossos campos sejam fornecedores suficientes para a alimentação da rapaziada. Foram conquistados mais alguns metros de terreno fértil à nossa mata.

E devido ao trabalho laborioso dos do campo estes estão já arborizados com laranjeiras e oliveiras da melhor qualidade. Por esses lindos campos não falta semente de batata! Todos os do campo estão contentes pelo resultado maravilhoso dos seus esforços, e das lavouras cá do sítio.

PÁSCOA — Aniversário da gloriosa Ressurreição do Senhor, foi para nós todos um dia muito feliz.

Logo de manhã um dia alegre, cheio de frescura e sol radioso. Esperávamos o Compasso um pouco mais tarde; por tal motivo os preparativos reservaram-se para volta das 11 horas e meia. Mas, enquanto fazíamos limpezas e ornamentávamos as casas e dormitórios com flores, eis que chega um automóvel taxi e para surpresa de todos, pois pensávamos que eram visitantes, sai de lá o Compasso. Num segundo, tudo feito à pressa, nós recebemos o Santíssimo Senhor Ressuscitado com alegria, vivacidade e amor.

Orlando da Rocha Ferreira

BEIRE

Hoje vou falar-vos da nossa Casa de Beire. É pouco conhecida, mas as pessoas que a visitam ficam deslumbradas ante o panorama que se avista da nossa varanda.

A nossa Páscoa foi bem passada. Durante a Semana Santa houve as costumadas cerimónias litúrgicas. Na sexta-feira Santa e no Sábado era uma azáfama na cozinha: uns pintavam os ovos, outros ajudavam a fazer os bolos que se haviam de comer no domingo de Páscoa. Neste dia também não faltaram as amêndoas.

Na quinta-feira Santa houve a comemoração da última ceia de Cristo, no salão de festas do Calvário.

No fim da ceia usou da palavra o nosso actual chefe, António Henriques (Sedielos) que disse:

— É pena que este dia não seja de comemoração alegre para todos. Não para se ouvir fados, romances, guitarradas e outras coisas etc. etc., ali no gira discos, mas uma alegria interior.

Henriques

Notícias da Conferência da nossa Aldeia

Aqui tendes, agora, o pouquíssimo recebido — para o muito dispendido: Abre a persistente assinante 17022 com três vezes 20\$00. Os senhores façam favor de seguir seus exemplos! Façam favor de nos botar a mão. Se não... temos de abrir penhora! Mais 20\$00 de um engenheiro dos C. T. T., cuja amizade quanto mais velha mais fresquinha. Mais outro devoto que não falha, faça chuva faça vento: o assinante 18223, para o 1.º semestre deste ano. Quem nos dera muitos assim! Uma senhora manda «30\$00 e no mesmo correio segue uma pequena encomenda com dois casaquinhos de bebé e umas botinhas». Vou já meter requerimento ao «caçador de encomendas» (o Fernando Dias), para que esta fique por cá. Ele é tão devotado, tão devotado, aos nossos irmãos do Barredo, que tudo quanto acaça, adequando, pra lá encaminha. Como são felizes os Pobres do Barredo com um Amigo assim! Mais 50\$00 da Senhora «Alice Pequena», da extinta Fábrica de Tabacos do Porto. Diz o nosso amigo e sr. Mendes que «em Julho vamos aí»: cá esperamos de braços abertos todos os operários da Fábrica. Mais 50\$00, do Estoril e três notas de 20\$00 de uma Funcionária dos C. T. T. de Lourenço Marques. É outra presença habitual! Mais 20\$00 da Figueira da Foz, com esta legenda: «Também sou Vicentino e sei que este óbulo é bem em-

AUTO-CONSTRUÇÃO

Aconteceu. Muitas, poucas vezes? Algumas. Por causa dos vícios de uns, da injustiça de outros e ainda da reduzida caridade de uns tantos a mendicidade tem sobrevivido a todas as campanhas que, de tempos a tempos, se têm organizado. Não obstante os melhores esforços, tem sido assim no passado. O mendigo é um tipo de homem muito característico. Umaz vezes reza, outras vezes pragueja. Quase sempre é actor. Deixa crescer as barbas, arranja uma voz especial e também sabe falar com os olhos. Regra geral, não se dá por vencido com a primeira recusa. Insiste. Fixa, de uma maneira extraordinária, as casas onde é atendido. A caridade de uma ou outra pessoa cristã e até piedosa terá consistido em atender os mendigos profissionais. E se lhes perguntamos se têm caridade, responderão:

— Sim, não vai nenhum pobre da minha casa sem esmola. É o critério, a prova. Quantas vezes terá acontecido que tal dono ou dona de casa, ao ouvir bater repetidamente o mendigo, dá o tostão ao filho ou à criada e tem dito, com mau humor: — **Pega; vai lá pôr o pobre fora.** Não terá sido maldade nem desprezo, mas sim inconsciência e rotina. O tostão não terá sido tanto o alívio de quem recebe como o próprio alívio de quem dá. Quantas

vezes se terá posto o mendigo fora de casa, à custa do tostão ou da fatia. — **Depressa vai lá pôr o pobre fora.** No momento que passa reacendeu-se a luta contra a mendicidade. Aumentaram, por isso mesmo, as nossas responsabilidades humanas e cristãs. Pela razão de a nossa casa não ser objecto da mão estendida, daqueles que lamuriavam, pedindo à senhora a esmolinha, — **pode lá dar uma esmolinha, minha senhora?** Por essa razão, repetimos, não ficamos nós desobrigados de socorrer o próximo, de contribuir para as obras de misericórdia, de ajudar a sustentar as instituições de assistência particulares e mesmo oficiais. Os primeiros cristãos jejuavam para dar a esmola, os indivíduos de forte mentalidade espiritualista sempre souberam ter a coragem de se sacrificarem, de se limitarem, a favor dos mais necessitados. O homem que ler e entender o Evangelho não come sozinho o seu pão. Sabe repartir com alegria e generosidade. Não se contenta com esse mínimo, com a moeda corrente de menor valia, a pôr o Pobre fora de casa. Não. Quer sim, pôr o Pobre dentro de uma casa que seja propriedade do próprio Pobre. Auto-Construção quer que os Pobres, em grupos, construam para eles mesmos, as suas casas. Haverá certamente outros caminhos, mas este também poderá ser andado por muitos.

(Toda a correspondência para: Auto-Construção — Aguiar da Beira)

Padre Fonseca

pregue». Obrigado, prezado Confrade. Temos, agora, mais 50\$00 do Porto, do assinante 3459. O dobro de «F» que, «lamentando não poder distribuir alguns milhares de escudos, tenho de contentar-me com distribuir algumas centenas deles». Finalmente, outras duas vezes 20\$00 do assinante 6544 de Ovar e 100\$00 de Mafra. E é tudo. Para todos, o nosso muito obrigado.

Júlio Mendes

Património dos Pobres

Cont. da 1.ª pag.

o terem aprendido na leitura do Famoso e na divulgação do mesmo. E, se não fora ele, ele bebido até à última gota por tantas e tantas almas, de boa vontade, de onde nos viria com que receber os que nos batem à porta?!

A outra carta devolveu-nos cheque recentemente enviado para a telha da casa de um pobre paragoniano.

O pedido esperou longos meses, como tantos outros, que só agora o caudal engrossado por aquele donativo aqui falou dois números atrás, nos permitiu resposta eficiente. Entretanto conseguiram-se esmolas de outras origens, e aquele Pobre não aceitou: «Outros precisam mais do que eu».

E aquele Pároco continua: «Há aqui um outro indivíduo que precisa também de auxílio e pensava eu pedir a V. que lhe fosse entregue esta quantia. Vai, porém, demorar o início da construção da sua casa. Sei que esse dinheiro são lágrimas e o sangue de muitos Pobres que vivem por esse Portugal fora. Seria um criminoso se retivesse em minhas mãos esse dinheiro, que é dos Pobres».

E acrescenta uma nota «para uma mulher pobre de Setúbal, de que falava há pouco o Famoso. É muito pouco. Tenho os meus problemas pessoais. Tenho os casos urgentes da minha paróquia. Mas quando a gente quer, pode fazer alguma coisa. Pode privar-se, por exemplo, numa ou outra vez de almoçar na pensão, quando anda por fora de casa, etc. etc.»

Desculpe meu Padre e perdoe-me em nome dos seus Pobres».

Ó carta! Que há-de a gente dizer... Senão, somente, a palavra divina: «Que bom, que feliz, viverem juntos os irmãos?»!

Aqui Lisboa

Cont. da 1.ª pag.

centes; cadeias ou casas de recuperação ou de segurança para adultos criminosos, sanatórios e hospitais são a partitura fúnebre dum concerto orquestrado pelo humano de milhares de seres iguais a nós que aventurando-se, à miragem da cidade, acabam a pouco e pouco em catadupas, no desequilíbrio psicológico, físico e humano, a sua existência breve e sombria.

Padre José Maria

«O Gaiato» ★

De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Do que nós necessitamos

SÃO passadas as festas da Ressurreição do Senhor e, com elas, anoço a presença de amigos e sequios da palavra do Mestre através do nosso «Famoso», que nos enviaram suas ofertas, com votos de Santa Páscoa.

A todos agradecemos, e que o Senhor Jesus, Rei dos Reis, reine em seus corações com palavras de vida eterna.

E o desfile começa:

500 angolares de Carmona, enviados com muito amor. Um vale de 400\$00, de Sintra, de uma nossa assinante de nacionalidade inglesa. Do Porto, 20\$00. Tomar com 100\$00. De Caíde, 20\$00. Medicamentos da Régua, 100\$00 de Tondela, de uma velha admiradora da nossa Obra, que vai fazer a bonita idade de 96 anos.

O Pessoal da Mobil com 102\$00 e sua amizade. Um cheque de Santo Tirso. Na Emissora do Aéro Club da Beira, pessoa anónima entregou 50\$ para a Obra da Rua. Mais Lisboa com esta carta: «Com a mensalidade dos «Tecidos do Carmo» vai um relógio para que o chefe não volte a chegar atrasado». Bem hajam. Rio Tinto com 100\$00 «dum assinante grato». Assinante 10287, de Setúbal, não pode assistir à nossa festa, e junta 20\$00, para o seu bilhete, como se tivesse assistido.

Mais Lisboa com 100\$00, 1.000\$00, 100\$00, 50\$00 e ass. 32928 com 100\$00. Rua da Madalena com os seus habituais 20\$00 e 2.000\$00 de «Uma Maria» em acção de graças por Deus me ter dado uma filhinha». De Alégis, 50\$00.

Da gente amiga da Ideal Rádio, do Porto, 150\$00. Mais 200\$00 da mesma cidade. E o

assinante 28480, com 300\$00. Dos Motoristas e Ajudantes da Empresa Fabril do Norte, 47\$00. Mais da Invicta, dum anónimo da R. de Camões, 3.000\$00. De E. D. M. duas presenças pelos dois últimos meses. Da Sonae, 20\$00. E acção a Diamang-Angola. Minha senhora, recebamos sua carta com os 150\$00, e temos recebido as mais. Por favor, descance, que tudo cá vem ter.

Promessas com 40\$00, mais 20\$00, mais 100\$00 e 30\$00. E

António, por Março e Abril, com os 100\$00 para a viúva da Nota da Quinzena e 100\$00 para ajudar uma mãe a alimentar seu filho. Duma estudante alfacinha, 20\$00, com vontade de muito mais. «De uma amargurada pelo dia 22», 50\$00. E a presença sempre muito grata da Avó de Moscavide, desta vez com duas «folhitas» de 20\$00. E o simpático cartãozinho, que eu já decorei: «Por alma d'Aquela que eu tanto amei para a Obra que Ela tanto amava», com 50\$00.

Da A. P. T.: «Oferta do pessoal Telefonista e Escritório de Tráfego da Central da Pícarria, 2.000\$ e de uma anónima, 100\$00». São sempre bem-vindas estas ofertas de grupos de pessoa, pela muita vontade em nos ajudar e pelo muito amor que nos dedicam.

De um amigo da Casa do Gaiato, em Liège-Bélgica, 560\$, entregues por um seminarista também se desobrigou com 140\$. De África, o produto de 2 dias de trabalho renderam 260\$00, como primeiro ordenado. Que Deus a ajude, minha senhora.

Do ass. 23259, 350\$00 «dum novo trabalho que me apareceu e que Deus me dê saúde para com os meus 64 anos, poder continuar a trabalhar». 100\$ de algures. Do Porto, 250\$00 «em memória de minha saudosa esposa». Mais 20\$00 de alguém. De uma Maria, 20\$00. De anónima, 40\$00. Livros da Beira - Moçambique. Newak com 2 dólares, pedindo orações. 1.000\$00 para a nossa Páscoa. E tantas quantias com o mesmo fim. 50\$00 de Maria Isabel. E mais uma saudação especial aos Funcionários da Caixa Textil, que se apresentam com as migalhinhas de 177\$50, de Fevereiro.

«Uma humilde esposa e mãe», no seu sofrer e na sua aflição, envia-nos 40\$00, solicitando uma prece. Confiar na misericórdia infinita do Senhor, é dever do cristão. Do Porto, 200\$00, 50\$00, 20\$00, e 50\$00. Da velha amiga, de S. João da Madeira, 50\$00. Ass. 17468 com 100\$00. Um cartãozinho com 50\$ e «não fui ao Coliseu, mas quero fazer de conta que sim». Sufragando a alma de seu pai, a ass. 14197 enviou-no 40\$00 Luisa com 20\$. E uma bôla de carne, de pessoa muito amiga de Carracedo de Montenegro. Deram-me a provar, e que delícia!

Roupas de Nisa, Bombarral, Chão de Couce, Lourenço Marques e Lisboa. 15 cintos de Envendos e um cobertor de Sanguinhal. Mais vestuário da Beira, Lumbo (Moçambique), Lisboa, mais Beira, Cantanhede e Buarcos. Roupas de bebé de Olho Marinho. Calçado e malhas de lã, de um senhor oficial do Polígono de Tancos.

«Em primeiro de tudo faço votos para que esta carta encontre de saúde, não só o Senhor Padre como também todos os superiores da Obra e a malta em geral.

Talvez cause admiração eu estar tão calado, mas não me tem sido possível aparecer e, além de tudo isto, o tempo chuvoso que tem estado não tem permitido que possamos sair de casa.

Quando estiver bom tempo eu farei uma visita pois que já venho sentindo saudades de tudo e de todos.

Em virtude de nunca ter oferecido uma fotografia de meu filho aproveito a ocasião para o fazer oferecendo-a a



O filho do Delfim

Cantinho DOS RAPAZES

todos. Não sendo possível enviar a todos os ausentes se deparar e não causar transtorno, poderá ajudar-me nesta tarefa colocando a mesma na VOZ DOS NOVOS para que todos possam sentir a alegria que eu sinto em conhecer os netos da OBRA DA RUA. Por vezes parece não ligarmos à Obra, mas eu quase posso afirmar que é impossível pois não é com duas coisas que se esquece o que a CASA DO GAIATO ensina: Ler, Escrever, Moral, Trabalhar, etc..

Oxalá eu consiga dar ao neto da Obra o que dela recebi e que ele seja para ela menos ingrato que eu fui nas horas em que tinha obrigação de ser grato.

Quando rezo peço para que todos dentro da Obra sejam melhores que eu que tanto consumi Pai Américo.

A Obra tem muito que agradecer este que bem conheceis

Delfim Ferreira
«Ex Fominhas».



Uma Carta

«Acuso a recepção da carta que acompanhou o cheque destinado a ajudar os «heróis» que se lançaram no arrojado empreendimento da construção da sua casinha e ainda a saldar a dívida do Património dos Pobres com a edificação das duas últimas casas.

Cada «acto» da Obra da Rua é, desde os primeiros tempos da sua fundação, mais um sinal da presença de Deus entre os homens. Quantas vezes essas maravilhas me têm deixado abismado levando-me a exclamar interiormente: oh! como será bela a Infinita Bondade!

Quantas vezes tive de suspender a leitura de um trecho do «Gaiato», olhos humedecidos, para entoar com toda a minha alma hossanas ao Senhor Deus de Israel! Quantas!

Há anos, numa carta dirigida a alguém, dizia eu que a leitura do «Gaiato» me fazia lembrar aquela passagem do Evangelho em que os discípulos de Emaús diziam depois, referindo-se ao Mestre: «Não é verdade que sentimos o coração abraçar-se-nos enquanto Ele nos falava?» E pergunto eu: «Nunca sentiu o coração abraçar-se ao ler o «Gaiato»?

Se é leviandade, desculpe-me, mas eu canonizava o Pai Américo, após a leitura dos seus escritos. Mas o «Gaiato» continua com a presença de Pai Américo embora não possamos deliciar-nos com as suas «palavras de Vida».

Mais um pacote delas, de M. Beatriz, de Beja.

E roupas de Santo Ovídio. Graças a Deus, estas roupas chegam sempre a tempo, e nunca são demais para os rapazes desta Casa do Gaiato e ainda para os Pobres das nossas conferências provincianas.

Ainda 30\$00 de promessas e graças obtidas, da R. João de Deus, em Leiria. 175\$ de Lisboa e 50\$ de Évora. Um queijo de Penalva do Castelo. 200\$00 da Senhora da Hora. Do conhecido sr. Manuel da R. da Cordeira, 20\$00 mensais, e mais 20\$00, porque graças a Deus, continua a ter trabalho. 50\$00 de algures. Ass. 28480 com 50\$. Da Figueira da Foz, 100\$00 para o que for mais necessário.

20\$00 «Mais esta migalhinha da Regina Mãe, com orações contínuas pela Obra e seus dirigentes. Que Deus os ajude e confortel!» E por último, esta carta de Lisboa, acompanhada de 100\$00:

«Junto envio umas migalhas roubadas ao nosso, tantas vezes imerecido, bem estar.

O Sr. Padre fará o favor de

as utilizar onde mais falta fizerem.

Só tenho pena de nem sempre ter coragem necessária para «roubar» mais.

Este mundo tem tantas solicitações más!...

E o pior é que raras vezes respondemos às chamadas do Senhor.

Quisera ser capaz de atender a tudo: Calvário, Belém etc. etc. mas o coração fecha-se e os ouvidos alheiam-se.

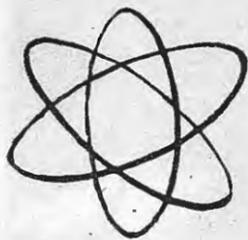
Que Deus acompanhe sempre os Gaiatos e as suas obras».

Se todos nós, pecadores que somos, compreendessemos o significado da Ressurreição do Senhor, é natural que os nossos corações se abrissem, para dar lugar a sentimentos de bondade, misericórdia e amor. E o mundo seria outro. E até breve.

Manuel Pinto

Visado pela
Comissão de Censura

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes



FACETAS DE UMA VIDA.

Setúbal

Terminou o lote de correspondência familiar que temos vindo a dar a lume.

Enquanto se não encontra mais nos velhos arquivos de Família — mais documentos que nos alumiam como relâmpagos, que vão gravando em nossa memória o rosto total e verdadeiro de Pai Américo — rebuscamos de outro pequenino maço de cartas, há pouco entregue por aquele grande Amigo, de quem, durante meses, publicámos as cartas recebidas do Américo, desde os tempos em que formaram sua amizade em Moçambique até ao Seminário.

São pedacitos respigados de uma e outra carta, que nos dão notícias de interesse para todos os que nos interessamos no conhecimento de Pai Américo.

Coimbra, Jan. de 30

(...) O meu Prelado comprou um prédio (Assinamos hoje a escritura) destinado a um sanatório para sacerdotes velhos e pobres. Coisa em que muito me tenho arpenhado e para o qual dei todo quanto possuía e tudo quanto vier a possuir.

Fica em pouco mais de 100 contos a casa. Ora para isso é que lhe pedimos o favor de nos enviar, quando melhor lhe calhar, esse bocadito que ahí temos, que sempre tapa um buraco.

Creio que não é a primeira vez que nestas colunas se revela qual o destino dado por Pai Américo ao dinheiro que ainda lhe restava ao tempo da sua ordenação.

O pensamento que então ditou esta compra é a primeira semente do que havia de ser a sua última Obra, o Calvário. Foi a respeito deste, que algumas vezes lhe ouvi falar do insucesso daquele «sanatório», por nele não terem sido salvaguardados, como era seu desejo, os hábitos e a independência dos seus moradores.

Este parágrafo, de carta datada de Coimbra, 29/9/33 é um pensamento que eu ofereço à meditação dos «padres da rua»:

Não lhe fazem mal nenhum esses ares nem essas águas salgadas e é ganhar tempo, todo o tempo que se «perde» em legítimo repouso.

E mais estes dois excertos, onde, a par da graça tão es-

pontânea no dizer, se sente o calor de uma sã amizade.

Recordo com imensas saudades aquelas poucas horas tam bem passadas na vossa visita a Coimbra, todas elas de sessenta minutos e estes todos de sessenta segundos. Achei-vos na mesma, como d'antes. Dir-se-ia que o tempo e os anos não têm acção demolidora sobre as vossas pessoas! (Coimbra, 15/11/33).

Nem tampouco eu desejo que regresse à sua Pátria, sem que nos possamos encontrar para dizer coisas e ver as nossas fi-

guras retocadas pelo tempo, sempre inexorável.

O pensamento não tem barreiras nem conhece distâncias. Podemos marchar de braço-dado, separados por léguas e por milhas.

E quantas vezes não penso eu em si, quando pessoas conhecidas me dizem da gravidade dos seus males físicos e até aquele senhor Doutor de Lourenço Marques, que lhe deu a morte próxima, como presente de lua de mel! Os mestres da Terra enganam-se muitas vezes. Deus fala de muito alto e só Ele é Mestre. (Coimbra, 8/9/35)



VISTAS DE DENTRO

CHEGOU há três dias. No segundo começou a ser o «batata».

— Tu já sabes benzer-te? — perguntou Sr. P.e Manuel. — Assim... — e benzeu-se — ensinou-me o Laranjinha.

Que força admirável e misteriosa levou o Laranjinha, um dos batatinhas mais pequeninos, a ser na «Obra» — o primeiro educador do batata?

X X X

O Piriquito vinha pela avenida com uma espécie de bandeja.

— Que levais? — Cócó de boi.

E era. Foi o Sejaquim, chefe dos batatinhas, que disse para apanharem nos caminhos da quinta e levar para a horta. Assim se aproveitam duas coisas pequeninas na quantidade, mas grandes na qualidade: O trabalho do pequeno Gaiato e o dito...pró cebolo.

X X X

UMA chuva miudinha. O Zé Manel, que tem sete anos, vinha da casa quatro, mancando. O Américo que é o chefe, tomou-o nos braços com carinho e levou-o até à casa mãe.

— Estás tão paternal, hoje!

— É para aprender — disse ele. Sorrimos os dois. Ele seguiu, e eu fiquei ali a comer o quadro: O Gaiato grande e o Gaiato pequeno! O vento pareceu-me uma brisa; e a chuva, um encanto.

Todo o dia me senti reclinado no gesto do Américo.

EM Beire começaram os piões e as barças. O Rusito é o mais aferroado.

E agora, também, o afã dos quintais: cada um tem o seu.

O Chucha e o Moscas aproveitaram a tarde de domingo para fazerem a plantação.

— Dê-nos batatas... depois é prá gente.

Pois claro. E lá foram.

Embebedos na tarefa, não sentiram tocar a campainha para o terço.

Depois da ceia, o Moscas: — Empréstimo-nos o seu terço, vamos rezar agora.

Padre Telmo

A festa da Páscoa como a do Natal despertam em nós uma sede de comunicação que provoca em nós um vazio torturante se não for saciada.

Os rapazes desabafam uns com os outros: — eh pá a Páscoa deste ano foi fraca!... Eles só notam se ela foi fraca.

Ou é por estarmos habituados a receber visitas nas vésperas dela, ou por gostarmos do doce que nos trazem ou ainda porque toda a comunhão recebe sentido do nascimento e da morte d'Aquele que nasceu e morreu para realizar a unidade dos homens no Amor.

Nós somos assediados pelos Pobres: — «então não me dá nada para passarmos a Páscoa?»; «nem sei como vai ser a nossa noite de Natal». As noites e os dias não são todos iguais se abstrairmos das condições atmosféricas e das estações do ano? — Então quê? — Sede profunda de comunicação.

Nós temos os nossos devotos. Devoção é o termo aplicável a quem, sem esmorecer, repete todos os anos as suas visitas na ânsia de mais dar.

O Natal deste ano revelou-me grandezas dos pequeninos. Os pequenos, connosco têm sido os maiores.

A Páscoa trouxe-me também boas surpresas:

Um grupo de senhores, que já o ano passado gozaram alegria idêntica, trouxeram-nos dois borregos e meio, mercearia, bolos, amêndoas, muitos mimos, 351\$00 e a vibração palpitante de almas em uníssono com a nossa. Proprietários da Lagoa do Calvo mandaram-nos dois borregos vivos,

um saco de batatas, cinco garrafas de vinho e amêndoas.

As irmãs do Outão encheram-nos dos melhores bolos da Capri.

Professores do Liceu, em ares de quem vai pagar promessas ao Santuário de Deus Vivo, em espírito de fé e humildade, deixaram quinhentos e cinquenta escudos e pediram orações. Outro grupo de professoras mandou 225\$ e entregou trezentos.

Pelos vendedores vieram pacotes de amêndoas, ananazes, envelopes com quinhentos, cem e vinte escudos.

M. M. do Porto, uma anónima de quem conheço apenas o espírito, escreve-me em Sábado Santo:

«Senhor Padre Acílio.

Apesar de 4 meses de silêncio, não desertei e aqui venho fazer a remessa de 400\$00, respeitantes ao meu débito de Janeiro a Abril de 1963, e pedir desculpa do atraso com que o faço.

Com a minha remessa de Dezembro último, creio que liquidei a minha dívida do ano passado e hoje, com a ajuda de Deus, é-me permitido pôr em dia a deste ano.

Desejo ao Senhor Padre Acílio, aos Gaiatos, e de uma maneira geral a todos os participantes da Obra da Rua uma Páscoa muito feliz, com muita saúde e a alegria da bênção do Senhor».

Nós retribuimos e temos a certeza de que um dia no Céu o anonimato desaparecerá.

Padre Acílio

OS NOVOS ESCOLHEM DEUS

O progresso estupendo da época que atravessamos cega o nosso interior. Parece que o tempo passa veloz e sem delectarmos fé.

Ora se lê nos jornais que anda guerra aqui, barulho ali e que fulana vai interpretar este e aquele filme. Daí a impressão de que o homem só vive pró momento que passa e que nada existe para além do leito onde jazemos.

Mas quem tiver a consciência bem esclarecida de todos estes factos, considerados normais, há-de forçosamente notar que a humanidade, ou melhor, a juventude do tempo presente segue uma pista errada ao tentar sacear-se de todos os prazeres frívolos que o mundo oferece. É natural que muitos jovens nunca tenham ouvido falar nos desastres sofridos por Sodoma e Gomorra em consequência dos prazeres e devaneios de toda a espécie. O Criador não dorme, e se nós, os novos, não mudarmos de rumo não estranhemos que uma catástrofe nos venha surpreender no sono das paixões passageiras que estamos a usufruir ilicitamente. A Igreja, vendo os vários proble-

mas que afligem o eu de cada um e que nos sucumbem para o fim a que vimos à terra, resolveu juntamente com pessoas de boa vontade fazer um acto de desagravo por todas as faltas cometidas por nós ao Todo Poderoso. Foi o Grande Encontro da Juventude o qual tinha por lema: Os novos escolhem Deus.

Também nos associámos neste encontro, inesquecível para a nossa inteligência, em que nós julgávamos estar a gozar o bom prémio preparado pelo Criador para ser oferecido como remuneração a todo o ser humano que queira seguir o caminho que por Ele foi traçado. Os novos escolhem Deus! Nesta frase de quatro palavras, nós todos, do mais novo ao mais velho, fizemos a entrega total da nossa vida a Deus e pusemos os nossos destinos nas Suas mãos. Registo aqui neste pequeno trecho três palavras proferidas por Sua Santidade o P. João XXIII: caridade, justiça e amor. O resto fica para meditação dos nossos queridos leitores.

António de Azevedo

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes